COLEÇÃO
PENSAMENTO AMAZÔNICO
SÉRIE VIOLETA BRANCA - V. 9

Dueto para sopro e corda

Jorge Tufic

2ª. edição revista e aumentada

Academia Amazonense de Letras

CULTURA
Edições
Governo do Estado

DUETO PARA

SOPRO E CORDA

DIRETORIA DA ALL – BIÊNIO 2012/2013

ARMANDO ANDRADE DE MENEZES
Presidente

ALMIR DINIZ DE CARVALHO
Vice-presidente

ABRAHIM SENA BAZE
Secretário-Geral

ROSA MENDONÇA DE BRITO
Secretário-Geral Adjunto

JOSÉ GERALDO XAVIER DOS ANJOS
Tesoureiro

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO NETO
Tesoureiro-Adjunto

MARILENE CORRÊA DA SILVA FREITAS
Diretor de Patrimônio

JOSÉ MARIA PINTO DE FIGUEIREDO
Diretora de Eventos

CARMEM NOVOA SILVA
Diretor de Edições

CONSELHO FISCAL
Membros Efetivos:
Marcus Luiz Barroso Barros
Antônio José Souto Loureiro
Euler Esteves Ribeiro

Membros Suplentes:
Luiz Maximino de Miranda Correa Neto
Mazé Mourão
Francisco Gomes da Silva

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
Avenida Ramos Ferreira, 1.009
CEP.: 69010-120
Centro Manaus – AM

JOSÉ MELO
Governador do Amazonas

ROBÉRIO BRAGA
Secretário de Estado de Cultura

ELIZABETH CANTANHEDE
MIMOSA PAIVA
Secretaria Executiva

ANTÔNIO AUSIER RAMOS
Diretor do Departamento de Literatura

CULTURA
Secretaria de Estado

Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357
Fax.: (92) 3233-9973
E-mail: cultura@culturaamazonas.am.gov.br
www.culturaamazonas.am.gov.br

JORGE TUFIC

DUETO PARA SOPRO E CORDA

2ª EDIÇÃO REVISTA E AUMENTADA

CULTURA
Edições
Governo do Estado

Copyright © Secretaria de Estado de Cultura, 2014

EDITOR ANTÔNIO AUSIER RAMOS
COORDENAÇÃO EDITORIAL JEORDANE OLIVEIRA DE ANDRADE
CAPA/DIAGRAMAÇÃO ÂNGELO LOPES
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA GRÁFICA ZILÓ LTDA.
REVISÃO SERGIO LUIZ PEREIRA
NORMALIZAÇÃO EDIANA PALMA

T914d Tufic, Jorge.

Dueto para sopro e corda. / Jorge Tufic. – 2ª. ed. rev. e aum. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2014.

100p.
Inclui Escorço Biográfico.

ISBN 978-85-65409-45-2

1. Literatura Amazonense – Sonetos. 2. Poemas. 3. Retrospectiva Poética. – Concretismo. I. Título.

CDD 869.1042
CDU 82-193(811.3)

2014

GRÁFICA ZILÓ
Rua Ilídio Lopes, 82 - Japiim, AM, 69078-530
Tel.: [92] 2126-2300

WWW.GRAFICAZILO.COM.BR

APRESENTAÇÃO

O conhecimento é um caminho de construção coletiva onde cada um contribui com o seu punhado de experiências para juntos seguirmos adiante nesta longa estrada da evolução. Temos o privilégio de crescer em uma região rica culturalmente e fonte pujante de Saber, essencial para a produção cultural, artística e científica. Somente através do conhecimento o amazonense poderá compreender seu ambiente e transformar a sua realidade. Conhecer não é apenas necessário, é vital.

José Melo
Governador do Estado do Amazonas

A PAISAGEM DO INSTANTE NA POESIA DE JORGE TUFIC

O livro *Dueto para sopro e corda* (Edições do autor, Fortaleza, 2000) do poeta Jorge Tufic, acriano de origem árabe e atualmente radicado no Ceará, para além de qualquer maniqueísmo reduzicionista, se apresenta como uma feliz síntese entre o tempo e o espaço numa nítida celebração ao fugaz, ao inapreensível, em consonância com aquilo que Drummond dizia ao antológico poema "Memória": Mas as coisas findas/muito mais que lindas/ essas ficarão.

A obra constituída em três partes, denominadas de: sonetos, poemas e retrospectiva, vai desde adoção do soneto, demonstrando um excelente domínio das formas fixas e das rimas quer sejam perfeitas toantes ou mesmo versos brancos, até um certo experimentalismo vanguardista, meio que pós-concreto e de um tom aproximado da poesia visual.

Todavia, a tensão, digamos que fulcral do livro, e acionada entre os lócus, eleito e evocado pelo escritor, constituído de miudezas de brevidades, no qual acendra-se o olhar na descoberta do óbvio, para usar uma acepção cara a Darcy Ribeiro, em cujo corpo a sutileza e rompe aferindo o caráter literário, epifânico. Como uma frágil manhã que os pássaros celebram/e só dura o instante de uma estrela. No qual a imagem preside a competência de fazer poético, em contraposição a um cronos curvado à desesperada perspectiva de finitude a qual faz-nos ainda mais precários, de modo que a poesia funciona com a cristalização

do efêmero, para, por conseguinte, tornamo-nos eternos, ainda que no mínimo espaço interacional da leitura. Sangrando-o mesmo no cerne de sua graça, como nestes versos: Que somos nós? Tutores desses ventos/ breve fulgor, insólito perfume./ Celebrar esse instante era costume/ sob as copas de bosques sumarentos (...)

O próprio título do livro, a nosso ver, já emblematiza essa conjugação entre o infinito e o fugaz. O sopro, remete à vida, a fábula judaico-cristã da criação diz que a vida surgiu do fôlego, a partir do qual o homem formou-se em espírito vivificante. Já o ponteado das cordas, bem propício às ambiências transitoriamente boêmias, ainda segundo nossa percepção de todo impressionista, referencializa o finito, a taça esvaziada na madrugada, a noite refém dos dias. E é, justamente, o milagre da poesia, transmudada em música, que instaura a trapaça a estas sentenças. De maneira que podíamos ainda estabelecer com o signo corda um relação de leitura da intertextualidade instaurada na obra. O autor como que evoca várias vozes de autores diversos, para, dialogicamente, construir sua ária de resistência e celebração e também orbita no terreno da transterritorialidade da arte, assimilando da pintura, da música, e de outros espaços de manifestação artística, referências que visam engrandecer seu texto lírico. Isto fica evidente, também, nos paratextos, epígrafes, dedicatórias e evocações mesmo como nos poemas: Soneto a Ricardo Reis. Sonetos para duas barrocolagens de Afonso Ávila, Soneto-Introdução à grande natureza morta metafísica, de Giorgio Morandi, Soneto para Marcel Proust etc.

Na poesia de Jorge Tufic o perene é obtido pela própria provisoriedade dos eventos: Porque te abres apenas rubra messe,/ frágil manhã que os pássaros celebram,/ e só duras o instante de uma estrela. No primeiro terceto do texto "Soneto para um velho telhado", se flagram, novamente, o palco e o pouco abrigados na sensualidade da palavra, advinda da cúmplice sinfonia entre a

paisagem e o tempo: Enquanto ossadas limpam-se da mesa,/ secam lá fora os grilos da incerteza/ telhados ardem na paisagem suja.

A última parte do livro, intitulada de retrospectiva é arregimentada nas possibilidades estéticas do concretismo e de algumas incursões vanguardistas experimentais e sedimentado, sobretudo, naquela perspectiva minimalista herdada do primeiro modernismo brasileiro que teve como principal representante o poeta Oswald de Andrade, donde abundam o coloquialismo, o poema-piada. Aqui no poema "Menino Grande" temos grande semelhança com também outro modernista o pernambucano Ascenso Ferreira, senão vejamos: – Eu quero uma varanda/ uma rede/ um sabiá/ – E o que mais?/ deixa eu pensar.

Entretanto, a primeira parte pareceu-nos mais vigorosa, o poeta se mostrou muito mais senhor de seu ofício, muito mais à vontade para até ser subverter e inovar, ainda que dialeticamente, nos moldes da tradição do que no texto de viés, estritamente, renovador, modernista. Ou seja, admite-se aqui como sentença estética aquilo que disse Augusto dos Anjos: A antítese do novo e do obsoleto/ tudo contribui para o homem ser completo.

Astier Basílio

PARTE I

SONETOS

SERESTA FRUGAL

Bota a mesa, Raquel. Aí vem a lua
pela janela aberta. A lua traz
constelações de frutas, muita paz
na brancura do pão que ora flutua.

Belos peixes do rio vão pra rua
da noite plena que esse bem nos faz.
Bota os pratos, que agora a mesa é tua,
farta desse clarão que satisfaz.

Lá fora o vento morno impõe o riso
de quem degusta estrelas; e há licores
na sombra onde comer não é preciso.

Banquete assim, Raquel, preda os rancores,
enfuna o linho à mesa, engana o juízo
que assim volteia como os beija-flores.

SONETO REVISTO

Do espelho à flor extinta que te ampara
– amanhecida paz, silente rosa –
saltam meus olhos neste ver de agora
por dentro do silêncio e da miragem.

A forma branca de que nasce o dia
pressente a noite com seus astros novos;
vésper acode, assume a claridade
sobre a face de sono que a ilumina.

Fulgor do que se move e se transmuda
ao vislumbre de um cósmico dilúvio,
és o princípio, o frêmito corpóreo.

Porque te abres apenas rubra messe,
frágil manhã que os pássaros celebram
– e só duras o instante de uma estrela.

SONETO A RICARDO REIS

Não por teu verso fluido e transparente,
Nem pelos deuses a quem sombra calma
Deste, lembrando a suave permanência
Do que puro inda resta onde não somos.

Mas ao prazer deixado ali frequente
Em ler-te, aberto o livro e aberta a alma,
Todo um orbe revelas na existência
De um sorriso que em mármore supomos.

Pelas horas de humano entendimento
Em que dos tempos idos a beleza
Converges para um tempo começado;

E de, sendo tão parcos, um momento
Crer-se que o bem maior, glória ou riqueza,
Nada fica além disto que há sonhado.

SONETO DA PARTILHA

Sonhei por um caminho, igual à trilha
que leva de um regato a outro regato;
e assim, me alçando voo, no mesmo ato
revi meus pais, que triste maravilha!

Ambos em teto pobre: mesa e bilha
do tempo de meus acres só de mato,
mas de rifles também, para que exato
fosse o revide em caso de partilha.

De um sonho fui a outro e deste ao sonho
de que estava acordado; e vi-me fora
quando o circo tornara-se enfadonho.

Ainda vago, porém. A cada hora
de uma parte de mim logo disponho,
enquanto a que desperta, vai-se embora.

SONETO À PASTA DO NEÓFITO

De um calhamaço roto fiz a lira
que alguém furtara, sim, por brincadeira.
Era uma pasta azul, não de primeira
mas tinha um verso que de lá sumira.

Ou terá sido uma impressão ligeira,
miragem neutra do contexto, a lira,
sorte de amparo ao todo que delira
longe daquela, a lira verdadeira?

Este verso, contudo, eu persegui
vida afora, onde fosse, onde parasse,
do grão de areia ao súbito fru-li.

E quanto mais essa procura amasse,
mais distante era o verso, embora aqui
seu brilho, de repente, mergulhasse.

RECORDAÇÕES DE LUIZ BACELLAR

O encantamento lírico, o cenário
daqueles tempos, década cinquenta;
o Clube a germinar, e a noite lenta
desenham nosso corpo imaginário.

Conheci Bacellar neste berçário
das madrugadas, quando tudo esquenta
nos encontros da turma, ora sedenta
por mudanças no campo literário.

Egresso de um colégio paulistano,
visconde consagrado, assim tivera
descobertos seus dons, ano após ano.

Do barro tosco a frauta se ilumina.
Ascende o poeta aos graus da primavera.
Deixa-nos sós e à dor que tanto ensina.

SONETO DA REINICIAÇÃO

Ao poeta Majela Colares

Deixa arder crepitante a escassa lenha
do tempo que te rouba a mocidade;
num cálice onde a chuva se detenha,
bebe o teu dia com simplicidade.

Em qualquer diminuta claridade,
em qualquer gesto, aroma, em tudo venha
o sorriso de Deus, profundidade
que além do pó tua máscara desenha.

Tótens e mitos planta em tua casa,
grava os sonhos de Blake; a letra abrasa
sobre a nuvem do mármore cativo.

Rastreia o sol dos incas. Bem, agora
degusta o milho cósmico da hora,
do grande enlevo de sentir-se vivo.

SONETOS PARA DUAS ARROCOLAGENS DE AFONSO ÁVILA

I

Quatro tempos colunas arcos setas
gastos remédios tempos digeridos,
mais corações de cera amor presente
no solo enfermo de bolor, e rouco.

Estes poderes tem a vice morte
ausência dos que amaram rebentados
como lágrimas cravos boca muda
pulso colado à terra de outras iras.

O terceiro remédio é a ingratidão,
mal desferido áspero de afeto,
luz contrária ao teu grito: corpo teu.

Quarta vitória paga o seu tributo,
pedras modelam trevas salto o novo
do muro que sucede ao sol barroco.

||

Eu sou mestre de ruínas, de experiências
farsas do Diabo, dentes misteriosos,
e de mim se não podem dar milagres
antes diabruras certas, profetizem.

Do mar se tira o sal, líquido amargo
de mim também se diga apenas ruim,
porquanto é certo que, dito o pior,
apenas se adivinha o que há em mim.

Eu sou como os trinchantes, que repartem
aos outros iguarias, e ao jejum
se entregam como os donos da vigília.

Demonios como yo quedan contigo
y los ángeles Buenos com estes hombres,
entre la cruz, los reyes y las torres.

SONETO A QUATRO MÃOS (*)

O poeta Simônides falando
mandou às favas gregos e troianos.
Considerou o Bem um Mal nefando,
sem lugar entre os bípedes humanos.

Tentar organizar-se é um desmando
que não seduz ao Caos nem aos arcanos.
– Ao templo labiríntico, o comando!
A vida é um sopro e não comporta enganos.

Ainda disse Simônides: – Ó cínicos!
Fujamos, pois, dos mestres e dos clínicos,
decepemos de Hipócrates o crânio!

Tábula rasa, o círculo e a poeira
dissiparão a dúvida primeira
na certeza do pássaro instantâneo.

** Com Luciano Maia*

AOS CONFRADES E AMIGOS DO CHÁ DO ARMANDO

Ao Chá do Armando a taça que faltara
quando, sem mim, quiseram-me presente;
e aos oitenta que sou, alegremente,
um dia a mais tão logo acrescentara.

Laços comuns, saudades, uma rara
força nos une transcendentalmente;
pois, sendo longe, o perto se consente
anular a distância que separa.

Fica-me bem ser lágrimas e rosas.
Mas como agradecer aos meus amigos
pelos brindes, com rimas fastidiosas?

Contudo, a gratidão me transfigura.
Sou-lhes grato, meus últimos abrigos,
companheiros da luz em noite escura.

SONETO-INTRODUÇÃO À GRANDE NATUREZA MORTA METAFÍSICA, DE GIORGIO MORANDI

de lado, posto-sol na veneziana,
teu busto colhe a nesga de mistério
e forma, no desnudo instante vivo
que te mostra, espacial, contrito gesto

errando à luz alegre do suposto
jarro, guardião feliz em meio à sala,
em meio à chuva rente que te envolve
e lenta, lenta, a solidão modela:

algo assim que a percorre como o raro
amor cuja medida se consome
antes de, amor, ganhar-se em consistência:

assim te vejo, imagem da criadora
força máscula, plástica e divina
por que aspira a matéria, e se eterniza.

SONETO À TEIMOSIA

Coração verde é o coração da gleba
adubado por crostas milenares;
lá onde mares críticos de ameba
guardam anjos de augustos lapidares.

Mas, peraí jumentos destes ares,
que o verso musical a musa enseba;
e no sebo dormitam jugulares
dantanhos seres como o velho peba.

Modernidade azul, que já não fazes
com a mistura das letras, dos cartazes,
da bosta urbana com pesados sinos!

Deter quem há de a marcha da serpente,
a voz do mito, o feto opalescente
que se agarra aos despojos uterinos?

SONETO PARA SALVATORE QUASIMODO

Vejo os telhados: nunca uma só telha,
que esta sozinha pouco se reflete;
Camões inteiro cabe num disquete
como cabe a galáxia na centelha.

Vejo ao lado Quasimodo, que a velha
foto consome à luz que a si remete
árvores mortas; e, sob o colete,
pulsa a criança que seu rosto espelha.

Veladas eras; cânticos noturnos
te iluminam dimennso; as mãos no bolso
sancionam terremotos e massacres.

Passaram guerras, botas e coturnos.
Ao descer ao mais fundo calabouço,
detonantes manhãs rompem seus lacres.

SONETO AO MILÊNIO TERCEIRO

Ave, milênio, pássaro trazido
por um suflo de abelhas; avezinha
desse cosmossertão onde luzinha
se vê da terra, peixe adormecido.

Facto novo, talvez, mas consabido,
pois o mito é lonjura que se aninha,
quer na estrela que foi-se quer na asinha
de um beija-flor que azula, desistido.

O qual será de nós esse translume,
essa fogueira astral de plenilúnios,
essa coragem de voar, implume.

De argamassa infantil são nossos barcos.
Voltamos a ser chuva. Os infortúnios
darão vez a outros seres, menos parcos.

SONETO PARA MARCOS GOMES

Com meu alef te brindo por ser abb
Das suras no adaã que fazo adab
Dos sábios na adafina da linguagem
Dando ao soneto acordes de alaúde.

Navegas como a lua sendo alfange
Despertando anafis, andaluzias,
Polissêmicos fogos, Meca e pedra,
Tal fossem os arabescos de alefris.

Sem aravias, o alcatrão destilas
De um novo idioma a síntese, o acanto
Trançado com jasmins para o salã.

Despertas Mai das noites indormidas,
Serralhos do Butão; e esta vontade
De ser derwiche, um zégel solitário.

GLOSSÁRIO

Alef – principal letra do alfabeto arábico.
Abb – servo; escravo de.
Sura – série, sequência, o mesmo que surata. Cada um dos capítulos do Alcorão.
Adaã – fala do muezin do alto do minarete, convidando os fiéis à oração.
Pedra – Pedra Negra, objeto que é o centro simbólico de todo o Islã; foco material de toda a religião muçulmana.
Adafina – coisa oculta; tesouro.
Anafil – longa trombeta usada pelos mouros.
Alefris – incisão, corte, entalho.
Aravia – arabia, linguagem atrapalhada e difícil. Algaravia.
Salã – a paz (de Alá seja contigo). Palavra de saudação ou cumprimento. Salmo, salema.
Mai – pseudônimo de Maria Zlady, poetisa árabe contemporânea.
Serralho – harem.
Derwiche – místico de seita islâmica.
Zégel – bailado; gênero de poesia popular em Al-Andaluz.

SONETO PARA SÉRGIO PANDOLFO

Da Ribeirinha aos cantos da conquista,
de Camões a Pessoa e deste a nós,
o português geofônico e a sós
se expande além do mar e além da vista.

Caravelas de luar, sol de ametista,
nele outras línguas antes dele e após
fazem seu néctar: músicas da voz
sobra enfim do massacre indigenista.

Delícia azul, velejo ultramarino,
marca-lhe os sons o ferro da saudade,
prisão do afeto náutico e salino.

Para tanto sofrer, tão grande fama.
Morre num catre o gênio dessa Idade.
Por todo o orbe seu clarão derrama.

NATAL EM MEU BAIRRO

para Almir Diniz

Depois da chuva queda-se uma pluma
sobre o bairro em que moro. E das janelas
vê-se o dia enrolado nas flanelas
de um céu que cresce e aos poucos se avoluma.
Em busca de outro azul o olhar se exuma
das cavernas do ser; ainda mais belas
as mãos de Deus dão sopro às aquarelas
e as estrelas se acendem, de uma a uma.
A pluma agora pousa na varanda
de um pedaço de chão, onde há, contudo,
auras e nuvens que o desterro abranda.
Corre um frisson no ar: pelejam-se asas
por trás da luz que paira sobre tudo,
e acolhe o Cristo em todas estas casas.

SONETO AO POETA ALMIR DINIZ
(respondendo sua carta)

Almir Diniz, que em poucas linhas diz
tanto quantas imagens necessita
para saudar a quem, por essa dita,
vai ser agora muito mais feliz:

Não fora coincidência, a sorte quis
que a pluma nos unisse; estava escrita
esta amizade que entre nós habita,
sendo eu, do mestre, humílimo aprendiz.

A carta que recebo neste dia,
carta-poema desse velho amigo,
abre clarões na sombra que me guia.

Muito obrigado pelos teus florais
dourados, com que vês o que não digo,
fazendo ser o menos algo mais.

SONETO DOS OITENT'ANOS

Aos poetas e outros amigos da "Sexta Literária" do Ideal Clube de Fortaleza

Sou grato, como sempre, animal grato
a vós, hermanos, que me deram paz,
o afeto que nos unge; e, assim capaz
brindo os 80 em ritmo transato.

Felicidade em tê-los! Me arrebato
ao ver-me aqui, na Sexta: a união que faz
das artes a maior, pois que ela traz
o dom de ser amigo, amigo nato.

Nestes tercetos me consola o tema,
a tônica do encontro e da demora,
o ser que sou nos braços de Iracema.

Se aconteceu, de vós já me enriqueça.
O tempo que se foi que seja agora
e o que será depois, me reverdeça.

O PRIMEIRO SONETO

Mil novecentos e quarenta e cinco.
Mercado Público Adolpho Lisboa.
Da caneta tinteiro então me escoa
a letra (quase) de um soneto extinto.
Teria ele o saboroso vinco,
a magia do branco, a dor que soa;
não precisava de rimar à toa,
nem tinha chave, mesmo que de zinco.
A caneta importada, o Suplemento
de Artes & Letras deram-me, talvez,
a ilusão desse extático momento.
Eram versos tomados, em surdina,
a um tempo que perdi. Fora-se a vez
de um começo que nunca se termina.

CERÂMICA NATIVA

Acuti pita canhen, faz a cotia
dentro do milharal; Jurupari
lança mão de seu código mas ri
do tempo esquizofrênico em porfia.
Para Jurupari só tem o aqui.
O amanhã tira o sono que se adia
para outro sono isento de magia,
com peixes magros como um tipiti.
Acuti, milharal, caça, alegria
perto do corpo estão; o gesto em si
também é corpo, músculo, poesia.
Só tens agora, ó deus Jurupari,
estes signos gravados, todavia,
nas malhas de um sereno jabuti.

SONETO PARA CAMÕES

Camões, Camões, são tépidos os vales
triste a luz que se esvai e nos maltrata.
Viste, porém, no amor a forma exata
da recompensa para tantos males.

Entre lírico e épico, o ouro e a prata
fundes numa só liga; e embora fales
que a dor anima tanto quanto mata,
soubeste ter na luta quanto vales.

Dinamene nas ondas. Sei que é baldo
o esforço que decide: a vida ou arte.
A escolha coube a Deus, o resto é saldo.

Na tentativa extrema de salvar-te,
brotara e frondejara nesse caldo
o idioma azul do mar que se reparte.

SONETO PARA "ROSTRO HERMOSO"

(o bar do poeta Luciano Maia)

É tanto o pó de lua que embriaga
respirar esta brisa; algo tonteia
e sonha à só visão onde naufraga
o dia, árvores calmas, sol de areia.

Lenda feita de nuvens, noite cheia,
vento claro, sutil, gume de adaga
nos decepa do chão, simples candeia
da claridade azul que nos propaga.

Lua por trás das árvores cativas
sobre telhados ocres, patativas
ausentes da canção, de tudo ausente.

Move a brisa suas hélices e aromas,
Rostro Hermoso são múltiplos idiomas,
sendo amor o que fala pela gente.

SONETO AO ZERO

Um pedaço de cruz, uma tigela,
algo que sobra do luar perdido,
a tinta que não deu para uma tela,
o que fica de um gesto pretendido;

a nota curta de um gorjeio tido
por dono da floresta ausente e bela;
uma lembrança neutra de algum ido
que assomou de repente na janela;

meus sapatos cozidos pelas rotas
que imagino fazer mas nunca faço,
alguma coisa que sequer havia,

valem pelo que são: aves ou botas,
em qualquer travessia dão seu laço
este laço do evento com a poesia.

SONETOS PARA GUIMARÃES ROSA

I

Palavras andam, mas também se afogam.
Voam de três, no mais: de banda, não.
Em Rosa elas são aves, condição
dos tenórios volantes que dialogam.

As palavras poéticas se drogam
do cheiro que se vem de algum sertão;
traçam caminhos de minhoca, vão
do texto à traça, quando se derrogam.

Resvés, parceira do menor estalo,
diminutiva, crítica, vermelha,
da cor do vinho de Sardanapalo,

Ave, palavra que este grito espelha,
formiga azul que vai de talo em talo
para eclodir na íntima centelha.

||

Passarim-passarão, rosa-de-rosa,
o arguto adeus se voa rio-acima;
ave ribeira entregue ao que não rima
mas colhe aromas para o som da prosa.

De ver se faz o til, o lá de anosa
raiz no brejo tendo a si e ao clima
donde sai beija-flor, roseana estima
por um dizer com seiva luminosa.

Fazer o achado, a busca, nunca a trava
do ponto a qualquer flor, texto ou gorjeio,
foi lei-que-foi no tempo que se lava.

Dos estirões da saga emerge o veio
do teu léxico novo; ali se andava
rosa-sertão bem antes do que veio.

SONETO À MANEIRA DE ILDÁSIO TAVARES

Brasil nasceu de brasa; de vermelho,
e em brasa transformou-se o pau-brasil,
para tintura, esteio, amor senil
de reinados banais diante do espelho.
Mata chamada atlântica, pentelho
agora de rochosa e varonil
despetalada costa do Brasil:
quem foi que disse que adiantou conselho?
Rotular em favor da ecologia
também faz rir ao tolo que não sente
que as árvores são luz: tudo rebrota!
Tudo que guarda a verde sinfonia,
salta das ruínas inda mais contente
por ter sonhado, apenas, com a derrota.

SONETOS PARA MARCEL PROUST

Que fazes, Proust, ao léu do teu cenário,
ao léu da infância que em teu rosto asila
da época feliz um tom de argila
e do vinho natal esse ordinário

calor do pão na mesa onde cintila
aquele estigma azul do legendário
sangue teu que nascera de um canário
posto no tempo como numa vila?

Em busca desse tempo então largaste
velames de metáforas, ao espanto
frágil daquela que tu tanto amaste.

Anos perdidos? Ganhos no entretanto,
pois em troca do sonho que sonhaste,
outros nos deste para nosso encanto.

||

Morto para sempre? O que dizer,
se a própria metafísica se esquece
que o pilriteiro, em ramos, não floresce
onde não há ninguém para morrer?

Morto para sempre? Ser ou não ser,
nostalgia de um quando que apetece...
O que nasce, definha; e o que amanhece
há de ao nada, sem dúvida, volver.

Desperta-se do sono com a surpresa
de Lázaro da breve noite escura
ao lento enrubescer da natureza.

Para sempre se morre? Assim, precário
vai-se o corpo visível da impostura,
mas fica, dele, o corpo imaginário.

SONETO PARA GOETHE

O olhar de Goethe envolto pela história,
deslumbrado em saber-se parte dela:
Goethe na Itália como pôde vê-la
nos mármores pesados de sua glória.

O olhar de Goethe fixa a trajetória
dos tempos que se fundem; e a sequela
das mudanças fatais abre a janela
sobre a praça dos deuses e da escória.

Deambula este sábio que à paisagem
da antiguidade empresta a doce imagem
de um sonhador que pensa, enquanto voa.

Faz-lhe bem penetrar nos ventos mornos,
dar ao silêncio músicas e cornos,
que, mesmo em pedra, o velho Pan ressoa.

SONETO PARA BOCAGE

Que sabes tu de mim, rosto sereno,
mão armada de cálamo, chinelo
diante do pé lanhado e não pequeno,
em tudo a imagem de polichinelo?

Que sabes do que sou, profundo anelo,
sempre avesso ao teu lodo, embora ameno
ou pálido me adentro em teu castelo
e bebo do teu vinho e teu veneno?

Que sabes deste outro que procuro,
se reverbero enquanto te consomes,
e entre nós se levanta um novo muro?

Fardo que me aprisiona, quem imagina
ser um monstro fugaz, com tantos nomes
a fera em que me escondo e me assassina?

SONETO A UMA TELA ESQUECIDA

Douradas estações fazem seu lume
de ontens sangrados e amanhãs nevoentos.
Que somos nós? Tutores desses ventos,
breve fulgor, insólito perfume.

Celebrar esse instante era costume
sob as copas de bosques cismarentos;
dele jorraram vinhos sumarentos,
dele a canção do afeto e do negrume.

Entre o sono e a vigília, amor e tédio,
crestam videiras; lá, barra-se o dia
que à cena empresta um rústico debrum.

Assim pintores viam, sem remédio,
fixar-se o tempo escasso da alegria
na sucessão de um brinde apenas um.

SONETO PARA UM VELHO TELHADO

De calha em calha ondula o gato; a janta
Vai chegando ao final sob este espaço
Onde não chega o ácido mormaço
Quando a tarde é mais forte e a lua tanta.

Diante do gato um pássaro levanta
Seu voo meticuloso, ao gesto e ao passo
Do romântico chano: agora é de aço
O brilho visceral que a noite espanta.

Enquanto ossadas limpam-se da mesa,
Secam lá fora os grilos da incerteza,
Telhados ardem na paisagem suja.

Não sei mais desse gato. O passarinho,
Mandei que fosse em busca de outro ninho.
Naquela casa, pia uma coruja.

SONETO A UMA AGENDA

Para quem chega ou sai, vide na agenda
telefone, endereço, e assim, talvez,
o número da campa onde o freguês
terá deixado a última legenda.

Todo um passado nela se desvenda
com a rolagem dos anos. No entremês
de novas baixas, outros, por sua vez
plantam seus nomes e refaz-se a lenda.

Nomes famosos como Pedro Nava,
poetas humildes como Jota Cê,
já se foram da letra que os guardava.

Antigas pautas mostram-nos, porém,
que entre os vivos há mortos; estes que
nunca respondem, nada, pra ninguém.

O CRISTO DE SARAMAGO

A rede, sim, transluz-se e colhe o peixe.
A terra é sangue, inútil proteção
ao cordeiro aflitivo – que se o deixe
manumisso da horrível sagração.

A tempestade, o mar, o rubro feixe
se azula em mim nos touros de um clarão...
Ventos, parai! Que o mundo não se queixe
dessa fúria de Deus em minha mão.

Que são curas, milagres como o vinho,
meus pássaros de areia, o gesto santo
no adiar-se a vida para mais caminho?

Uma simples mulher curou-me, um dia,
das chagas com suas lágrimas; e quanto
dera-me alívio à cruz donde eu pendia.

SONETO PARA CHE GUEVARA

Crepita em teu boné teimosa estrela
da qual nada se vê do que projeta
sobre as chagas da terra onde um poeta,
de repente, a lutar, chegou a vê-la.

Só os camponeses que puderam tê-la
na escassez de um vislumbre, em noite quieta,
foram dar-te um cabrito; e a fogo e seta
molhada na esperança, enfim retê-la.

Camponeses e bravos, Serra acima,
entre andantes e alegros, logo anima
saber que cada um vale por mil.

Foram dias contados e sofridos.
Pesar de tudo os campos tão floridos?
Chega de rosas, vamos ao fuzil.

SONETO DO INSTANTE FUGAZ

Conta-me, pluma, a sutileza agreste
dos mínimos estalos, da leitura
que o sol derrama sobre a fonte pura,
do inquieto lume que as palmeiras veste.

Seja a manhã teu código celeste,
tua insolúvel, grávida procura
de onde pousar os fios da loucura
tecidos, como a ti, de algum cipreste.

Voluntário pesar que, entanto, assume
desde sopros de vento ao que lamenta
fechado numa palha ou num perfume,

conta-me, pluma, como o tempo leve
passa do gris ao breu de uma tormenta,
sem que, fugaz, te deixe a mão que escreve.

ZARATUSTRA

Ao gênio de Nietzsche

Tudo é claro na voz de Zaratustra,
eco profundo, solitária voz.
Zaratustra é a certeza do que fustra,
Zaratustra é o cristal de todos nós.

Zaratustra é a montanha. E nada custa
romper com a treva em busca dessa foz,
olhar duplo que os âmagos perlustra,
águia e serpente num conúbio atroz.

Ver alguém que padece e fazer nada,
ter piedade ao invés de audácia plena,
unir-se à covardia, à mão armada?

Isto é ser homem, cíclope de barro,
oxidado animal de alma pequena,
do super-homem vergonhoso escarro.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE PENSA

Era uma vez Drummond no banco duro
do bonde antes da náusea, apenas flor:
lia o jornal sem letras lendo o muro
nos tantos feitos para o desamor.

Mas, quem era Drummond nesse futuro
onde o passado argila-se na cor
do riso que de súbito misturo
ao Drummond proletário, agro de amor?

O Drummond que se inclina nesta foto
lembra um nenúfar, contemplando, ignoto,
o além dos móveis, lajes, artefatos.

É uma cegonha em busca de sua imagem
refletida na pedra, essa paisagem
de Itabira, um suspiro entre retratos.

SONETO AOS IDOS

Um rascunho de nuvens me sugere
campos lavrados por um cinza antigo;
e algo de mim nas franjas desse trigo
aos amenos de um bosque me transfere.

Nada em tanto vazio assusta ou fere,
oblíquas horas rangem nesse abrigo
onde o tempo é cifrado e a voz do amigo
clama sem a voz do outro, ainda que espere.

Dali fui para o monte e vi cavalos,
a força do trabalho que, a intervalos,
dava às covas ossadas ambulantes.

Destroçou-me esse impacto, esse contraste
entre pobres e ricos; não me baste
que este mundo não seja o que era antes.

O VINHO DO MÍSTICO

Ao Yogue Paramahansa Yogananda

Testemunhas de mim são as garrafas.
Louvo, ao secá-las, ao meu bom Khayyam.
Ao néctar místico lançam-se tarrafas,
e a pesca é boa quando a vida é sã.

Embriago-me de Deus toda manhã,
verticalizo a dor como as girafas.
Alcanço a plenitude. Adoro Pã,
danço longe do tédio e das estafas.

Meu turbante rebrilha. Posto em lótus,
ultrapasso o Nirvana e tiro fotos
da solidão mais cósmica do além.

Bebo com Deus a chuva que ele ama.
É sempre bom beber. O vinho é chama
que se transmuda como lhe convém.

SONETO ÀS BORBOLETAS

Sempre dou baixa aos dias na folhinha.
Porém, quanto mais risco, mais florescem,
quer nos blocos seguintes, quer na minha
janela aberta aos outros que amanhecem.

Não sei das vezes que a esse gesto eu vinha
dando o meu tempo que as aranhas tecem;
tantos dias iguais, seja à tardinha,
seja às estrelas quando resplandecem.

Montões de calendários tomam conta
de algumas prateleiras que derramam
velhos papéis inúteis, dessa monta.

Números, datas, portas e janelas,
foram, decerto, árvores que inflamam
para os céus borboletas amarelas.

SONETILHO EM DÓ

Desde que vi minha face
que já pouco me contempla;
desde que sorvi a gota
do rio que se fez lágrima;

desde que o mundo olvidara
sua primeira maçã;
desde que os punhos do homem
se ampliaram para a guerra;

desde que minhas sandálias
em pó fizeram caminhos
sem que ao menos fosse dia;

desde que plantei cigarras
em vez de frutas e couves,
degusto ausências plenárias.

PARTE II

POEMAS

DRUMMOND, 1937

Setenta anos, quase,
densificam a textura do momento
em que se dera a impressão
da histórica fotografia.

Eu tinha cinco, apenas,
quando Carlos Drummond de Andrade
já entrava em concurso de poesia.

E aqui está ele, Drummond,
de ponta esquerda no time da história:
os demais elementos da foto
já tinham seus nichos sagrados.

Drummond devia beirar os trinta
enquanto eu jogava pelada na esquina
de uma rua deserta.

POLIEDRO

Meu novo dia:
apenas um jorro de flautas,
cristal distraído.

Centenas de faces
para minha escolha
e o
meu desespero.

AVES

Todas as penas
se afundam na carne.

Ave-nos, plumagem!

Alvos
alvos
al
  vos

Bum!

QUASE ELEGIA

Como depois de uma
EXPLOSÃO,
estou só.

Uma chuva, talvez,
escurece minha rua.
Estranha e fina,
ela penetra o solo do bairro
e desce pelos meus ombros.

Tão límpida,
que eu me retiro do caos
com as sobrancelhas
do arco-íris.

REW

Que estranha bússola
ou imantada linfa
de todos os vestidos
que minha mãe vestira,
fazem adentrar meus passos
na esteira azul destas ruas saídas
das muitas que ainda guardo
em meus bolsos furados?

Adolescente
também coube a mim dividir
a túnica dos domingos entre o cais
e a vergonha de ser pobre.

TRANSVIAGEM

Nos três fusos paralelos,
nas quatro estações do corpo,
o futuro me cospe
como a um dente cativo
no telhado de um samba.

ISMALIANA

Um ser ou náufrago
nada pela rua,
tem a sombra na torre
tem o corpo na lua.

Nascido astronauta
seu nome é precário;
homem, talvez sombra
do arroz planetário.

ERA DE AQUÁRIO

a pedra
a Pedra
o cobre
o bronze
o ferro:
uma liga de ozônio
oxida o meu dia

TEORIA A MENOS

O poema
é a

EXPLOSÃO

de um vaso sanguíneo
a caminho
de um vaso sanitário.

O ABUTRE ESPREITA
O QUE NUTRE O POEMA

O luar é de esterco
e móveis des/
conjuntados

Mínimos descuidos estalam:
combustão periférica de azoto
e melancolia.

Sepulcro nosso
de cada orvalho.

GALO

Muitos cometas passaram
– coisas, seres, paisagens,
nomes e ruas.

Mas o canto do galo
continua firme.

Esporas rubras
do amanhecer.

MEDITERRÂNEO

As ilhas,
os continentes,
dançam
com pés de fogo.

Numa praia de fúrias
decompostas,
gaivotas beliscam
estilhaços de ode.

Geometrias vulcânicas
no pernoite
das âncoras

peixes de basalto
espiam
os anéis de Saturno.

MENINO GRANDE

– Eu quero uma varanda
uma rede
um sabiá
– E o que mais?
– Deixa eu pensar.

VARANDA

O verdadeiro sopro,
que é o lar,
não tem argamassa.

Aquele que fez a rosa,
assinou-se de aroma

AZUL CONVEXO

Convém maturar
no ver, como os frutos
de cada estação e a
cada olhar que se
perde em busca
do aroma que de
tantos ficou.

Convém mergulhar
no azul que as estrelas
enxugam no lenço
das partidas.

Contemplar é
contemplar-se;
refletir é tomar as
asas do silêncio,
infinitar-se com ele.

Nisto, agora,
nada mais pesa;
e o sopro que trago
nos dedos
caligrafa os entulhos.

A CHUVA

Me ocupa saber o
momento donde vem
essa orquestra,
sendo ela o resumo
de tantos outros
flagelos da noite que se
extingue; mas deixa
no ar, uma cortina de
sons para o sono
do nada, ou apenas
telhados
de insônia.

PLANETA VIRTUAL

Vejo, bem antes
de ver, o
visto e revisto.
Os traços da
solidão geo/
gráfica, o ser
indimenso
numa gaiola
de estrelas.

A LUA

A lua é tudo quanto se ilumina
com a tristeza das sombras; luna fria
mas que tem rosto, mares, sortilégios.
A caminho de casa, desde quando
a vi dobrar-se, em curvas, solitária,
aprendi como as nuvens se revezam
nas pausas entre a vida e seu mistério.

Clarão de um céu amargo, talvez guia
de um outro gesto, arrulho, desespero,
cujo fôlego enorme se transfere
para o reino das águas; varre as pedras,
destrói as ligas de ouro das conversas,
habita a celulose dos cartórios,
sanciona os ventos quando são telhados.

A lua foi meu livro e meu caderno.
A lua teve a cor teve o silêncio
de meus ossos trazidos por um cão.
A lua foi meu bonde, o exílio a rua
calcetada por Ela, inatingível
barco de velas cheias, passo a passo
no azul das aves, pio das corujas.

O amor tem letras góticas e aromas.
É bálsamo secreto, labareda.
A lua, este satélite governa
a lucidez das algas, planta a vida,
namora os furacões, sossega as fúrias.
Bebi do leite branco bebi dela
como a noite se bebe das estrelas.

POEMAS DE ONTEM

O mundo não para.
O próprio olhar que se deita
ao sol da paisagem,
revela como tantas outras
habitam na
provisória geometria
de ventos e
chuvas.

II

Sou refém
dessa janela,
refém das queixas
que sobem
de rotos telhados.
Refém da tarde
nova, auxiliar
dos martírios.

III

O poeta é um barco
por ele mesmo
desnavegado.
Se acontece haver porto,
outros portos flutuam
de atlântidas
submersas.

IV

A luz se
confere nos
sete degraus
de escamas
que fazem
da lenda
esta voz
esquiva entre
os olhos da
Cobra e a
sombra dos
peixes.

V

Remansos aéreos
de água e solitude.
As telhas restantes
nas casas deste bairro
destacam as torres
do tabuleiro urbano;
e vão engolindo
os peões, cavalos, reis,
rainhas e lagartixas.

VI

Eis-me diante do
enigma – que de
tão claro
se planta

na raiz do
cenário.

O sol e a dança
imóvel da
luz, como se
tudo
partilhasse de
mim.

VII

Pincel solar intenso
desmaia a pedra
em seu brilho
fugaz e duro:
como esta
rua que
some
a cada outra
que lhe vem
depois.

VIII

Clarão solar
desvela as
ruínas que,
de passagem,
vão-se adiando.
Tal qual nos
ossos o

trânsito livre
das janelas e
tardes
vazias.

IX

Ao selo deste
fulgor vesperal,
adejo com as
aves que
migram
para outros
poemas.

X

Nenhuma nuvem
se liga ao chão
de tuas larvas,
de teu
desespero.
Nenhuma chuva
lava a
sentinela
de tua morte.
Nenhuma rosa
perfuma a
solidão que
te liberta.

XI

Os achados
poéticos
raros se
nutrem do
excesso:
palavras e
coisas,
amuletadas e
frias.
Que nome
tirar-se, afinal,
de baixo de
seu clarão?

XII

Fragmenta-se a
pedra, frag
menta-se o
ar,
fragmenta
se o
texto, frag
menta
se

XIII

É um cacto urbano
a imagem do
branco e do

cinza, a
elevar-se
do chão
entre lagartos
e nuvens.

XIV

Agora é a
solidão
que a penas
se move.

IBM

O dígito mar
o dígito sol.

Meu soss
ego é

INCOMPUTÁVEL

POESIA FALADA

As palavras
só mudam de posição,
quando mudam.

O léxico para, constipa-se.
Dilui-se numa torrente
de bocas paralelas.

Fecha-se o trânsito.
Emergem os calçadões,
canteiros, placas,
monumentos. Os
copos de plástico
asfixiam as bactérias.
O bronze roubado
divide as metalúrgicas.

As colisões são tantas
que os nomes
soterram os numes.

EXUMAÇÃO

Em cinco anos apenas,
a carne se extingue.
Os ossos perduram
por milhões de séculos.
O osso do homem
é a flauta do pó.

O PUTCH AO PONCHE

Saterê-maué
na infusão malagueña.
Marx e Gramci
ainda não destilados.

Soluções de alfazema,
extratos de junquilho,
siglas maceradas,
receitas de igualdade,
aromas de 1917...

Ao brinde final,
os três companheiros sorvem
cardos e absinto.
No dia, mês e hora
da Grande Libertação.

Mas aí, choveu.

Puti-tanga!

VAI QUE É MOLE

Detesto a sintaxe
que vem da sintaxe,
que vem do sintagma
que vem do fantasma.

Eu gosto mesmo é dessa
capoeira,
desse breve e tenso
jogo de talas
e busca-pés.

A INJÚRIA

Pequenos acordes alados
teimaram em ficar.

O ar está zonzo, e doente.
Os rios agonizam
pela guelra dos peixes.

Pequenos acordes alados
cruzam as tempestades,
ponteiam as fogueiras da noite.

E haverão de ficar.
Até que as sementes
estourem das covas.

DISCURSO TUKÂNO

As aves não têm coveiros
nem sepulturas;
os bichos não têm coveiros
nem sepulturas.

Só o homem tem armas,
coveiros e sepulturas.

A CAL DO SOM

A tinta dos armários
No olfato da música.

A nuvem se funde
com a barra do edifício.

Uma data escoada
respinga da mesa.

No pulso, a hora
é uma trava, inox.

RAMPA LISA

Hóspede inquieto,
corpo estranho, anteu,
por que digo, coração,
que ainda és meu?

SÁFAROS BOSQUES

A luz empoçada
imita os vaga-lumes.

A música das folhas
pesa nestes ares.

Sáfaros bosques.

Navegantes do luar,
tumbas da noite.

INSÓLITO

O anjo que me
Tocara
Tão de
Leve
No queixo
Me disse
A palavra
Não sei.
Por muitos
Anos
Comigo a
Palavra
E o anjo
O anjo que
Me trabalha

JORNAIS QUE FIZERAM NOSSA GLÓRIA

Os outros que seremos
haverão de queimar estes fatos
naquelas prateleiras

EROSÃO CÓSMICA

Remói-se em pó
por dentro
a pedra.

PARTE III

RETROSPECTIVA
(1956-1966)

HOMEM
PEDRA
CLARO TEMPO
É FOICE
E
LAVRA
SEU
DIAMENO

ODE

CAMPO

BODE

VERÃO

VERÃO

VERÃO

O
home
m
no
e
s
p
a
ço

N ~ OCORRA

N ÃMATE

OMORRA

AÇO

LUÇÃO

DA

ENIG

MÁQUINA

ESCORÇO BIOGRÁFICO

JORGE TUFIC nasceu em Sena Madureira-Acre, em 1930. Aos 15 anos de idade, transferiu-se com a família para Manaus-AM, aí permanecendo durante quatro décadas e meia. É membro fundador do Clube da Madrugada e pertence à Academia Amazonense de Letras, Academia Acriana de Letras e à Academia de Letras e Artes do Nordeste, esta com sede em Fortaleza-CE, para onde mudou-se em 1991. Tem mais de 50 títulos publicados, a maioria de poemas e sonetos. É autor do Hino do Amazonas. Em 2003, obteve o prêmio nacional de ensaio da Academia Mineira de Letras pelo seu livro "Curso de Arte Poética", e, em 2012, o Prêmio Raul Bopp da União Brasileira de Escritores (RJ), pelo conjunto de poemas reunidos no volume "Quando as noites voavam" (Livraria e Editora Valer).

ESTE LIVRO FOI IMPRESSO EM MANAUS,
NA GRÁFICA ZILÓ EM JUNHO DE 2014. O
PROJETO GRÁFICO – MIOLO E CAPA – FOI
FEITO PELA **GRÁFICA ZILÓ**.

O livro *Dueto para sopro e corda* (edições do autor, fortaleza, 2000) do poeta Jorge Tufic, acreano de origem árabe e atualmente radicado no Ceará, para além de qualquer maniqueísmo reduzicionista, se apresenta como uma feliz síntese entre o tempo e o espaço numa nítida celebração ao fugaz, ao inapreensível, em consonância com aquilo que Drummond dizia ao antológico poema Memória: Mas as coisas findas/muito mais que lindas/essas ficarão.

ISBN 85540945-7
9 788565 409452

Secretaria de
Estado de Cultura

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
O ESTADO QUE DÁ CERTO

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA